

Bairro da Liberdade e a imigração japonesa: a idéia de Bairro Japonês

Diego Segobia Bocci*

Os japoneses no Bairro da Liberdade

Os imigrantes japoneses constituíram no bairro da Liberdade o primeiro núcleo colonial nipônico do município de São Paulo. Hoje os reflexos desta presença são perceptíveis na paisagem local. Dessa forma, esse texto propõe refletir sobre os fatores que contribuíram para (re)produção dessas paisagens.

As dificuldades de adaptação e conseqüentemente de fixação dos imigrantes japoneses na lavoura cafeeira paulista foram mais intensas nos primeiros anos de imigração, pois a maioria destes não eram agricultores. A estrutura familiar, em muitos casos, foi submetida às exigências contratuais, assim a presença de agregados nas famílias era algo comum e acarretavam problemas, pois em muitos casos, os agregados abandonavam a família com suas dívidas; desilusão com a idéia do rápido enriquecimento tendo em vista, as reais condições de trabalho; e, além disso, dificuldades culturais como, por exemplo, língua e culinária.

Neste contexto, os imigrantes que voltavam das fazendas em direção a Capital e aqueles que permaneciam nesta, quando desembarcavam na Hospedaria dos Imigrantes passaram, em sua maior parte, a residir no bairro da Liberdade.

A concentração de japoneses no bairro da Liberdade, entre os anos de 1908-1942, pode ser justificada devido ao custo das moradias, relativamente baixo, quando comparado ao das moradias de outras localidades da capital paulista. Além disso, havia a possibilidade de sublocação das casas para terceiros, o que barateava os gastos e ainda, a localização do bairro também favorecia o acesso rápido a toda região central, representando possibilidades de emprego e, além disso, meios de transporte para locomoção às regiões mais afastadas do centro.

A ocupação nipônica concentrou-se nas porções, central e norte do bairro, de acordo com Takeuchi (2008) e Araujo (1940), principalmente nas ruas: Conde de Sarzedas, Galvão Bueno, Tabatinguera, Conde de Pinhal, Tomás de Lima¹ (2 quarteirões), Conselheiro Furtado (2 quarteirões), Irmã Simpliciana, Estudantes, Glória, Carolina Augusta, Oliveira Monteiro, João Carvalho e São Paulo.

Dentre as ruas citadas acima, a Conde de Sarzedas destaca-se devido ao tipo de moradia, que possuíam porções independentes do resto da casa, assim

¹ Hoje, a parte Sul foi nomeada Mituto Mizumoto.

www.pucsp.br/revistacordis

[...] foram nesses porões que surgiram as primeiras barbearias e as primeiras casas de comida japonesa, pois as grandes pensões só com o tempo é que foram surgindo, ou mais precisamente, por volta de 1914 que começaram a aparecer ali as primeiras pensões e armazéns japoneses. (apud NOGUEIRA, 1973, p. 134).

O período da Segunda Guerra Mundial desencadeou uma série de mudanças na vida dos imigrantes japoneses. O rompimento das relações entre Brasil e Japão acarretou inúmeras restrições. Uma dessas, somente foi aplicada para os integrantes da colônia japonesa, localizados no bairro da Liberdade: a **evacuação**, que, de acordo com Takeuchi (2008), encerrou a ocupação nipônica contínua de aproximadamente 32 anos, iniciada em 1910 e interrompida em 1942.

Após a Segunda Guerra Mundial, a situação das restrições para toda a colônia japonesa e evacuações ocorridas no bairro foi normalizada. Os nipônicos, no que se refere àqueles que deixaram a Liberdade, em parte, regressaram, onde reabriram seus comércios ou simplesmente voltaram a residir.

Devido às condições econômicas do Japão pós-guerra e a certa estabilidade financeira e social conseguidas no Brasil, se desenvolveu um “consenso geral” na colônia de permanência no país. Desta forma, os japoneses aumentaram os investimentos na educação dos seus descendentes e em negócios próprios.

Assim, podemos identificar dois grandes momentos de saída de japoneses do bairro, o primeiro refere-se à evacuação, mesmo tendo sido imposta. Já o segundo, se caracteriza após a década de 1950 devido, em geral, à ascensão social e econômica.

Este segundo momento de saída dos nipônicos da Liberdade é concomitante a chegada, gradual, de chineses e coreanos, principalmente após a década de 1970, similarmente ao caminho traçado pelos nipônicos, algumas décadas antes, parte destes imigrantes reside e fundamentalmente exerce alguma profissão no bairro como, por exemplo, cozinheiro, copeiro, faxineiro, vendedor, e muitos, atualmente, são proprietários de lojas e restaurantes típicos.

A paisagem identifica ou não o bairro como sendo “japonês”?

A paisagem formada pela área das ruas da Glória (entre o Largo Sete de Setembro e Rua São Joaquim), São Joaquim (entre as Ruas da Glória e Taguá), Fagundes, Avenida Liberdade, Praça da Liberdade e Estudantes, como pode ser observado na imagem abaixo.

Imagem 1. Paisagem



Fonte: Google Earth: Adaptação; Diego Segobia/2008.

A justificativa que explica esta escolha refere-se à concentração de uma quantidade significativa de estabelecimentos culturais e comerciais de chineses, coreanos e japoneses, que somente são encontrados nesta área do bairro.

Considerar a área proposta acima como paisagem, parte do princípio de que os objetos localizados nessa,

[...] existem em inter-relação [...] constituem uma realidade como um todo que não é expressa por consideração das partes componentes separadamente, que a área tem forma, estrutura e função e daí posição em um sistema e que é sujeita a desenvolvimento, mudança e fim. (SAUER, 2004, p. 22).

A paisagem analisada concentra, majoritariamente, os objetos que significam todo o bairro como sendo “típico japonês”, “bairro dos japoneses”, “bairro oriental” e outras denominações. Fora dos limites desta paisagem, não há objetos que suportem tal imagem e a concentração desses dentro dos limites explica-se pelo que foi desenvolvido no capítulo “Os

Japoneses no Bairro da Liberdade”, o que por sua vez, influenciou o projeto de 1974, que “enraizou” profundamente a imagem japonesa ao bairro. Assim, analisaremos quais são os motivos que a perpetuam e quais são aqueles que a impossibilitam.

Mesmo com o gradual aumento no número de elementos paisagísticos chineses e coreanos em meio aos japoneses, a paisagem ainda confere a significação de “japonês” ao bairro da Liberdade. Nesta óptica, esta imagem não possui uma identidade de existência, embora através da sua perpetuação a mesma passa a existir como a própria paisagem. Sartre (2008, p. 9) afirma: “[...] já que a imagem é o objeto, conclui-se que a imagem existe como o objeto. E, dessa maneira, constitui-se o que chamamos a metafísica ingênua da imagem. Essa metafísica consiste em fazer da imagem uma cópia da coisa, existindo ela própria como uma coisa”.

Como verificado no parágrafo anterior, a imagem de “bairro japonês” não possui uma identidade de existência, pois atualmente a conjuntura social apresenta maior participação de chineses e coreanos refletida nesta porção do espaço ao longo dos últimos anos, o que deveria significar a imagem de “bairro extremo-oriental”, limitado a Japão, China e Coreia do Sul e não mais propagar a imagem de “bairro dos japoneses”. Mas por que isso ainda ocorre?

A resposta está vinculada à intenção do projeto de 1974 que pretendia criar uma imagem oriental (limitada no caso ao Japão), como “Chinatown”, assim transformando o bairro em uma atração turística, o que de fato ocorreu. Nesta óptica, a paisagem torna-se uma mercadoria que pode ser explorada pela economia, o que acarreta no esvaziamento “[...] de sua concretude e densidade própria, reduzindo-a a mero símbolo abstrato, que pode ser selecionado e re combinado infinitamente, segundo interesses imediatos ou predominantes.” (MENESES, 2002, p. 54).

Assim, a paisagem serve às intenções do governo e da iniciativa privada, já que a imagem de “bairro japonês” é vendida e veiculada à sociedade, constituindo um pólo de atração monetária. Desta forma cria-se uma casca japonesa com essência chinesa, coreana e nipônica, embora a promoção do produto baseia-se nos elementos paisagísticos que conferem tal imagem. Nesta óptica, “[...] o promocionismo pretende criar uma imagem favorável e pouco respeita a complexidade da verdade. Mas a imagem, para ser eficaz, deve ter algum fundamento nos fatos. Um traço forte representa a personalidade toda.” (TUAN, 1980, p. 236).

Os elementos paisagísticos que conferem à imagem de “bairro japonês” vendida ao público podem ser associados ao que Tuan denomina de “traço forte”, que são as marcas da ação humana nesta porção do espaço, grafadas pelos próprios japoneses e seus descendentes e também pelos projetos de 1974 e 2008.

Referências

- ARAUJO, Oscar Egídio. Enquistamentos Étnicos. *Revista do Arquivo Municipal*, São Paulo, n. LXV, p. 227-249, 1940.
- GOOGLE. Google Earth, version 4.3 (beta): satellite's image software. Disponível em: <<http://earth.google.com/intl/pt/>>. Acesso em: 05 jan. 2008.
- MENESES, Ulpiano T. Bezerra. A paisagem como fato cultural. In: YÁZIGI, E. et al. *Turismo e paisagem*. São Paulo: Contexto, 2002.
- NOGUEIRA, Arlinda Rocha. *A imigração japonesa para a lavoura cafeeira paulista (1908-1922)*. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, 1973.
- SARTRE, Jean-Paul. Introdução. In: SARTRE, Jean-Paul. Trad. Paulo Neves. *A imaginação*. Porto Alegre: L&PM, 2008.
- SAUER, Carl O. A morfologia da paisagem. In: CORREIA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. *Paisagem, texto e cultura*. Rio de Janeiro: UERJ, 2004.
- TAKEUCHI, Márcia Yumi. *Imigrantes no Brasil: japoneses, a saga do povo do sol nascente*. São Paulo: Lazuli, 2008.
- TUAN, Yi-Fu. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. São Paulo: DIFEL, 1980.

* Diego Segobia Bocci é graduado em Geografia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), orientado pela Profa. Dra. Marcia Maria Cabreira Monteiro de Souza, docente da PUC-SP. E-mail: <geografodiego@yahoo.com.br>.

Recebido em março de 2009; aprovado em maio de 2009.